

Citicorp defende a conversão

Viena — O representante do Citicorp na reunião econômica de Viena, Richard Hueber, fez a defesa ontem da conversão da dívida dizendo que os países devedores deveriam abandonar suas preocupações nacionalistas, qualificadas por ele de “velhos dogmas”, e aceitar a conversão da dívida em investimentos estrangeiros. “Um investimento novo e produtivo pode gerar empregos, impostos e exportações”, enfatizou, acrescentando: “Por outro lado, o perdão da dívida, segundo propostas apresentadas no Congresso dos Estados Unidos, transforma os bancos em entidades benéficas e os países devedores em mendigos”.

Hueber estava se referindo às declarações do senador democrata Bill Bradley, também presente à conferência, e que pregou o perdão de parte da dívida latino-americana.

O banqueiro citou, na sua argumentação, o exemplo do México e do Chile, “que estabeleceram programas que resultaram na conversão de três bilhões de dólares”. Mesmo admitindo que esta medida não resolve todos os problemas dos países em desenvolvi-

to, Hueber notou que a conversão “permitiu ao Chile reduzir sua dívida em mais de 10 por cento, um montante que lhe dá margem de manobra para conseguir novos e significativos investimentos”.

Hueber reiterou que a América Latina precisa de “investimentos reais, como indústrias automobilísticas e de máquinas de mineração”.

“Uma das vantagens da capitalização da dívida é que ela traz o capital para as mãos certas, de quem pode transformá-lo em atividade produtiva.

Já o senador democrata Bill Bradley propôs o perdão de parte da dívida, dizendo que a redução dos gastos públicos e a aceitação da conversão da dívida “são demograficamente suicidas”.

Bradley, citando os exemplos do México e do Peru, disse que a população jovem dos países latino-americanos não pára de crescer e que isto poderá transformar-se em uma bomba-relógio, caso o País interrompa seus investimentos e abra suas fronteiras à empresa estrangeira.

Ele criticou ainda “os

tentáculos dos burocratas entrincheirados em seus cargos” que, por meio de um excesso de leis e regulamentos, provocam a asfixia econômica e o fenômeno da economia paralela. “Se houvesse uma eliminação de regulamentos, haveria uma revolução econômica na América Latina”, comentou ele, dizendo que no Peru, as atividades clandestinas igualam a metade do Produto Nacional Bruto.

Bradley advertiu também sobre o perigo de depender do déficit comercial norte-americano para o aumento das exportações, mostrando que até 1990 o déficit estará reduzido e, com isto, sobrará menos espaço para os produtos latino-americanos. Ele falou também da nova política soviética que, com Mikhail Gorbachev, tornam presentes no Ocidente os produtos dos países socialistas.

“Cada dólar que a União Soviética recebe é um dólar a menos para a Argentina, México e Brasil”, disse ele, acrescentando que Moscou conseguiu empréstimos com taxas de juros inferiores em 2 por cento ao que consegue o Brasil.